



**CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
**LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**LINHA DE PESQUISA**

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

**JOÃO DANTAS DE LUNA JUNIOR**

**PERSPECTIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ATRAVÉS DO PIBID: A  
CONSTRUÇÃO DO SABER NA INSERÇÃO DO LÚDICO**

**GUARABIRA/PB**

**2016**

**JOÃO DANTAS DE LUNA JUNIOR**

**PERSPECTIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ATRAVÉS DO PIBID:  
A CONSTRUÇÃO DO SABER NA INSERÇÃO DO LÚDICO**

Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades Osmar de Aquino – Campus III, como Trabalho de conclusão de curso (TCC), em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

**Orientadora:** Professora Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques.

GUARABIRA/PB

2016

L961p

Luna Junior, João Dantas de

Perspectivas no ensino de geografia através do PIBID: a construção do saber na inserção do lúdico / João Dantas de Luna Júnior. – Guarabira: UEPB, 2016.

36 p.

Artigo (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques.”

1. Ensino de Geografia. 2. PIBID. 3. Inserção do Lúdico.  
I.Título.

22.ed. CDD 910

JOÃO DANTAS DE LUNA JUNIOR

PERSPECTIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ATRAVÉS DO PIBIB: A  
CONSTRUÇÃO DO SABER NA INCERÇÃO DO LUDÍCO

BANCA EXAMINADORA

Cléoma Maria Toscano Henriques

Cléoma Maria Toscano Henriques  
Especialista em Análise Ambiental da Paraíba-UEPB  
Professora do Departamento de Geografia da UEPB  
(Orientadora)

Maria Juliana Leopoldino Vilar

Maria Juliana Leopoldino Vilar  
Mestranda em Formação de Professores - UEPB  
Professora do Departamento de Geografia da UEPB  
(Examinadora)

Paula Priscila Gomes do Nascimento Pina

Paula Priscila Gomes do Nascimento Pina  
Mestre em Geografia – UFPB  
Professora E.E.E.F.M. Professor José Soares de Carvalho

Aprovado em; 20 de Outubro de 2016.

Guarabira/PB

2016

## DEDICATÓRIA

Dedico este artigo primeiramente a Jesus Cristo, pois sem ele nada do que foi feito teria sido possível. E a minha querida família pelo apoio que sempre me reservou.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço ao meu Deus, por tudo que ele fez e sempre está fazendo por mim. Por ter me proporcionado fazer este tão maravilhoso curso, onde consegui adquirir muitos conhecimentos e ver novos horizontes que antes não podia imaginar.

A minha amada família, a minha mãe, meu pai, as minhas irmãs Tânia e Thays, e a minha namorada Edma Almeida, que me apoiaram e me ajudaram sempre que precisei.

A minha orientadora, professora Cléoma Maria Toscano Henriques, que me ajudou e me mostrou todas as etapas para construção deste trabalho.

Aos professores da banca examinadora, que aceitaram participar da avaliação deste trabalho, dando contribuições valiosas para o seu aprimoramento.

Quero agradecer a escola E.E.E.F.M. Professor José Soares de Carvalho à toda a sua direção e coordenação, pelo apoio durante a participação no projeto em sala de aula nas aulas de geografia.

A Professora Maria Juliana pelo apoio que me deu, a minha supervisora na escola, a professora Paula Priscila, pelo convívio e aprendizado que tive em sala de aula.

Aos meus colegas e amigos do PIBID quero agradecer a todos sem exceção, pelas experiências compartilhadas. E ao PIBID a oportunidade de crescer cientificamente e profissionalmente na vida acadêmica e preparar-me para um futuro vindouro na área da licenciatura.

A todos os professores do curso de Licenciatura em Geografia que, de uma maneira ou de outra, passaram um pouco de seus conhecimentos para que construíssemos nossos próprios saberes.

Aos meus colegas de curso que me incentivaram para que eu concluísse o curso.

Enfim, a toda família UEPB o meu muito obrigado por tudo!

# PERSPECTIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ATRAVÉS DO PIBID: A CONSTRUÇÃO DO SABER NA INCERÇÃO DO LUDÍCO

LUNA JUNIOR, João Dantas de<sup>1</sup>

## RESUMO

A busca por uma aprendizagem qualitativa tem sido o foco principal das discussões na disciplina de geografia em sala de aula. Esta procura associa-se as diversas concepções educacionais e metodológicas em valores educacionais. Onde em alguns dos casos, são esquecidos até mesmo por parte da sociedade. O presente artigo é qualificado como um relato de experiência, sendo elaborado a partir das contribuições no ensino de Geografia na formação básica, através de intervenções participativas com parceria do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Para a compreensão desse estudo, uma série de autores foram consultados durante a pesquisa bibliográfica: BARBOSA, 2010; KIMURA, 2008; CORTELAZZO, 2008; CALVACANTI, 2005; LIBÂNEO, 2009; PINTO, 2010, entre outros. Abordando a importância das contribuições de atividades lúdicas em sala de aula, na construção do saber no ambiente escolar. Atribuindo a um campo de estudo à Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho, situada no bairro Primavera, em Guarabira/ PB. Com objetivo de auxiliar o aluno a compreender o mundo a sua volta, rompendo com a simples descrição de paisagens e breves conceitos através dados em sala de aula. Trazendo à tona atividade de cunho pedagógico como o uso do bingo no ensino de geografia, com resultado que se caracterizaram de forma prática, mediante a relação professor e aluno ser apresentada baseada em prática inovadora. A inserção do lúdico como recurso didático na inovação da prática docente permitiu desenvolver o conhecimento geográfico a partir das limitações e aspectos vivenciados pelos alunos, relacionando os conteúdos explorados em aula.

**Palavras chaves:** Ensino de Geografia. PIBID. Inserção do Lúdico.

---

Formando em Geografia, no período 2016.2, sob a orientação da Professora Cléoma Maria Toscano Henriques. E-mail: joaodantas-bob@hotmail.com

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>11</b>
2.1 A escola e o ensino de geografia .....	11
2.2 O PIBID na formação docente .....	14
2.3 As práticas lúdicas no ensino geografia .....	15
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>17</b>
<b>4 UM BREVE HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO ONDE É REALIZADO O PIBID .....</b>	<b>18</b>
4.1 A estrutura física da escola .....	19
<b>5 INTERVENÇÃO DO PIBID NA INSERÇÃO DO LÚDICO NA SALA DE AULA ...</b>	<b>21</b>
5.1 Atividades lúdicas desenvolvidas pelo PIBID .....	22
5.2 Bingo geográfico sobre o espaço industrial brasileiro .....	23
5.2.1 Objetivos .....	23
5.2.2 Conteúdo programado, turma envolvida .....	23
5.2.3 Material usado, tempo estimado .....	23
5.2.4 Revisão literária do conteúdo espaço industrial brasileiro .....	23
5.2.5 Desenvolvimento do bingo geográfico .....	24
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>29</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>31</b>
<b>Apêndice 1:</b> Questionário do Bingo Geográfico sobre o espaço industrial do Brasil	
<b>Apêndice 2:</b> Cartelas referente ao Bingo Geográfico	

## 1 INTRODUÇÃO

A educação atualmente vem enfrentando muitos desafios e está sendo pressionada a reavaliar sua função perante as modificações científicas e tecnológicas que ocorrem no meio social de maneira muito acelerada. É perceptível que essas transformações afetem de forma direta e indiretamente a formação de profissionais que atuam na área educacional (KIMURA, 2008).

O presente estudo traz uma abordagem sobre a contribuição do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) na formação do futuro professor de Geografia. Buscando associar as intervenções participativas no referido programa com intuito de promover uma reflexão acerca da parceria estabelecida entre professores da educação básica, alunos e graduandos da ciência supracitada.

Este trabalho compreende ao ensino da Geografia mediante a ações promovidas pelo PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, no uso de atividade pedagógica através do Lúdico em sala de aula, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, localizada na rua: Henrique Pacíficon<sup>045</sup>, no município de Guarabira-PB.

Através do programa, os graduandos são inseridos nas escolas públicas no intuito de melhorar a relação teoria e prática, fortalecer sua experiência, visando a sua capacitação profissional, além de melhorias para com a educação. A maneira que aproxime a teoria e a prática no ensino de Geografia, em uma reflexão que assimile os avanços teóricos da Geografia em sala de aula, em novas competências que se enquadre na aprendizagem.

No ensino da geografia, o saber é constante, reforçado pelos modelos pedagógicos, com especificidade na coerência em formas de construção, transmissão e produção, interligadas à ação e à reflexão, no conhecimento prático e teórico, através de uma interação professor/aluno e os diferentes tipos de aprendizagem (CAVALCANTI, 2005).

O processo de ensino articula entre o fazer e o pensar, há uma incessante e imensa atividade de percepção e sensibilidade de conteúdos empregados na sala de aula. Segundo FREIRE (1996) o processo de ensino deve ficar claro e objetivo, contextualizando o formando como o formado no ambiente escolar.

Para conceituar a atividade lúdica no ambiente escolar é preciso refletir as ideias desenvolvidas sobre aportes realizados em sala de aula. Com finalidades didáticas, em uma perspectiva, que torne o lúdico como um instrumento de reinserção do gozo e o prazer nas aulas de Geografia. Onde estejam relacionadas com elementos originados em jogos, dinâmicas representações e expressões estéticas, concebidas ou desenvolvidas sobre conteúdos geográficos. Pois como preconiza Friedmann (2006):

Pensar em utilizar o lúdico como meio educacional é um avanço para a educação, porque tomamos consciência da importância de trazê-lo de volta para dentro da escola e de utilizá-lo como instrumento curricular, descobrindo nele uma fonte de desenvolvimento e aprendizagem (FRIEDMANN, 2006, p.126).

A vivência social nas escolas utiliza articulações na pesquisa de objetivos, conteúdos e métodos utilizados no processo de ensino aprendizagem (SILVIA e MORAES, 2009). O processo de constituição da sociedade é um processo histórico, atribuindo a diversos mecanismos de aprendizagem, permanente no âmbito escolar. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998) diz que:

”A educação para a cidadania requer que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais. Com isso o currículo ganha em flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais e regionais e que novos temas sempre podem ser incluídos” (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS 1998, p. 25).

O sistema educacional brasileiro procura inserir a proposta aos alunos, de maneira que todos têm a oportunidade de aprender, tanto quanto sua capacidade permitir. Contudo, uma das questões que muito tem preocupado profissionais no ensino é a falta de interesse de alguns alunos em participar das atividades propostas em sala de aula (PASSINE, 2010).

Para isso é necessário que o professor tome um posicionamento crítico diante dos adversos encontrados na sala de aula. Na transmissão de conhecimento ao aluno, diversificado na vivência de cada um, no seu espaço em que reside. Passine (2010, p. 13) diz que “é fundamental que o professor seja um bom líder, para criar na aula circunstâncias nas quais os alunos se sintam seguros e tenham confiança no seu trabalho”.

Na prática escolar, diversas realidades e experiências são encontradas. A atuação social na grade curricular do ensino é um dos principais pontos a serem analisados (CALVACANTI, 2005). A prática/ação atribui-se como um produto de aprendizagem, à medida que o educando utilize como instrumento de mudanças acessíveis no âmbito escolar.

”A educação voltada à geografia deve construir uma trajetória de diferentes maneiras a compreender e expressar o espaço social”, Kimura (2008, p. 82). Com um compromisso à formação de cidadãos que possam agir na sociedade de forma crítica e transformadora da realidade, seja de seu bairro, cidade ou até nação.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A escola e o ensino de geografia**

Na prática escolar são inúmeras as realidades e experiências com os quais nos deparamos. Entre elas cabe destacar algumas deficiências no aprendizado dos alunos, onde estes, apresentam dificuldades no que tange ao ensino da Geografia, principalmente quando este exige reflexão sobre os acontecimentos cotidianos e do mundo.

Mediante aos processos de desenvolvimento do homem em seu espaço a qual reside, vemos a educação como caminho para encontrar conhecimentos necessários para a construção social e interdisciplinar. O engajamento dos novos métodos de ensino, produzidos ao alunado no ensino regular, traz uma reflexão à prática de ensino através de experiências cotidianas na escola pelo professor.

Segundo FREIRE (1996, p.47). “Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições”. A um ser crítico e inquiridor inquieto em face a tarefa que a tenho de ensinar e não de transferir conhecimento.

Daí partimos para conceituar o que seria geografia? Segundo (KIMURA 2008, p.38) “a geografia constitui-se em um campo fértil de oportunidades para experimentar de maneira muito rica e estimulante a várias habilidades e, desta forma, possibilitar ao aluno desenvolver competências a serem incorporadas ao seu crescimento”.

Entender as mudanças sociais que vem se dando no espaço geográfico, compreendidas e observadas em fenômenos socioculturais relacionando o homem ao

seu meio. Neste paradoxo a Geografia, começa a analisar e acompanhar a natureza destes fenômenos vistos nos movimentos da sociedade, tanto no meio urbano quanto no rural. Os conhecimentos teóricos sobre as ações do homem nos espaços naturais e transformados, quando sistematizados em um currículo conteudístico escolar.

Callai (1999, p. 58) traz a seguinte fragmentação “A Geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento”. Diante disso, vemos que a Geografia, ensinada em sala de aula, trata de questões referentes ao homem e natureza de forma fragmentada, não enfatizando que o homem é um ser social e histórico, preocupado com todas as questões políticas, econômicas e ambientais.

Para CAVALCANTI (2002, p.12) o ensino escolar “é um processo que contém componentes fundamentais e entre eles se destacar os objetivos, os conteúdos e os métodos”. Um dos maiores objetivos da escola, e também da geografia, é formar valores, ou seja, respeitar as diferenças, combater às desigualdades e às injustiças sociais.

No ambiente escolar Passine (2010, p. 79) destaca que “a escola não é uma célula isolada e deve estar integrada às ações da própria sociedade”. Decorrente das modulações em práticas utilizadas em sala de aula do ensino da geografia segue em seu processo educativo, um modelo pedagógico curricular, conceituando o ambiente escolar com a vida do aluno. Onde o conteúdo repassado, deve ser fortemente padronizado e revisado, em análise à consciência crítica participativa do sujeito na sociedade.

A relação da escola com a geografia propõe trabalhar o espaço e a infraestrutura de cada indivíduo (CAVALCANTI, 2005). E ao depararmos com esse espaço escolar veremos que sempre haverá um grande distanciamento entre a teoria e o cotidiano vivenciado nas aulas. Espaços que deveriam sempre oferecer uma educação de qualidade, com uma ótima utopia de conhecimentos, onde os alunos desejassem estar sempre estudando, interessados nos conteúdos, que a eles estão sendo repassados.

O ensino de geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, é preciso que os educandos adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo de

conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade, ou seja, o conhecimento geográfico.

Através do ensino de geografia, em seu processo de construção do saber, por seus componentes curriculares do ensino aprendizagem o aluno poderá formar uma consciência espacial, um raciocínio geográfico. Essa consciência espacial vai além do conhecer e localizar, ela inclui analisar, sentir, e compreender a especialidade das práticas sociais.

Na averiguação do ensino da geografia, “[...] os saberes tomados com objetos de conhecimento pelo aluno é aqueles referentes ao espaço geográfico” (CAVALCANTI, 2002, p.19). Ou seja, o espaço geográfico não serve apenas para pensar e analisar a realidade pelo lado científico, mas ele é algo vivido por nós e resultante de nossas ações, então, isso quer dizer que se ensina a disciplina de geografia para que os alunos desenvolvam em si a percepção espacial das coisas, e nas coisas.

O ensino de geografia pode fazer com que os alunos busquem a compreensão de forma mais ampla do que vivem na realidade, de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, é preciso que os educandos recebam e adquiram conhecimentos, e dominem categorias, para que possam superar as dificuldades existentes em sala de aula, relacionadas a compreensão do saber.

“Entre os desafios relacionados ao ensino de geografia, veremos a distância entre os “conteúdos” geográficos e a vida dos alunos” (KIMURA, 2008, p. 76). Onde continua a destacar-se como fator prejudicial à formação do senso crítico e à compreensão das problemáticas físicas, humanas, sociais e ambientais que afetam os alunos.

CAVALCANTI (2002), fala que o ensino de geografia tem como finalidade básica a ação, em objetivos educacionais a trabalhar o aluno juntamente com suas dificuldades adquiridas na escola e sistematizá-las com seu cotidiano. Para assim criar um pensar geográfico que leve em consideração a análise da natureza com a sociedade e relacionar conteúdo mais à aprendizagem.

Cabendo ao professor trazer novas metodologias de ensino para a sala de aula, deixando de trabalhar somente com o livro didático e com assuntos que não tem

conexão com a realidade dos alunos. Onde desperte o senso crítico do aluno a geografia como ciência vindoura de diversos métodos de ensino.

## 2.2 O PIBID na formação docente

Durante muito tempo vivenciamos uma Geografia tida para muitos como uma disciplina voltada para a descrição de mapas e aspectos naturais da Terra. Percebe-se que seus conteúdos vão além de estudos descritivos, condicionam conhecimentos acerca dos aspectos humanos: socioculturais e socioeconômicos.

O estágio docente é fundamental, porém, não permite a mesma flexibilidade que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Este por sua vez, proporciona conviver o cotidiano escolar, promover mudanças através da socialização, participando ativamente no ambiente escolar. Com isso, favorece o envolvimento do docente em processo de formação nas práticas educacionais, contribuindo para a possibilidade de inovar na aprendizagem abrangendo o conteúdo no cotidiano dos alunos.

O programa é voltado no estímulo a docência, onde permeia conhecer as características do mercado de trabalho e a construção não linear da relação sociedade e natureza. Isto é, buscando fazer uma reflexão acerca de seu papel na conexão entre o ensino superior (formação de professores em andamento) e educação básica (público alvo do programa) propiciar elementos motivadores para com a sala de aula, instigando o desenvolvimento de habilidades e competências voltadas para atender a qualificação do futuro professor de Geografia.

Segundo os PCNs em GEOGRAFIA (1998, p. 156) diz que:

É muito importante para o professor propor uma Geografia que forme um cidadão capaz de trabalhar a informação disponível no mundo. Informações que se tornaram invasoras das nossas casas por meio da televisão e Internet e que muitas vezes iludem, criam falsos valores, induzem ao preconceito, (PCNs: GEOGRAFIA, 1998, p. 156).

Este programa contribui para a qualificação do professor, estimulando o crescimento do indivíduo na relação teoria e prática, esta junção se adéqua ao cotidiano da sociedade atual, e nos remete a pensar o ensino, como sujeito participante na intervenção do conhecimento transformador na Geografia. Para Passini (2008), “a escolha do conteúdo deve ser feita pensando na responsabilidade da formação do cidadão que precisa entender o mundo em que vive”.

Freire (1996) diz que a prática de ensino não se caracteriza na mera transferência de conteúdo. Já Castrogiovanni (2007) acredita que a escola deve ser desafiadora, motivar o aluno através de um ensino que englobe temas atuais, ou seja, que desperte o interesse do aluno na Geografia. Kimura (2008) fala que existe a possibilidade de intercâmbios de intervenções na escola, destacando o professor como uma figura indispensável na relação de portador do conhecimento.

A vivência social nas escolas utiliza articulações na pesquisa de objetivos, conteúdos e métodos aplicados no processo de ensino aprendizagem (SILVIA e MORAES, 2009). O processo de constituição da sociedade é um método histórico permanente no âmbito escolar. Conceituando as teorias, agregando-as com a vivência na sala de aula, juntamente com as ações implantadas na escola.

### 2.3 As práticas lúdicas no ensino geografia

Estudar a ludicidade no ensino de Geografia deve-se trazer a uma relevância do tema e por averiguar que aprender não é apenas um feito de decorar conceitos e depois descrever em uma prova ou ler mecanicamente sem aprender o sentido real do que está sendo estudado em sala.

As práticas lúdicas trazem a sala de aula uma nova visão ao ensino. O aprender a fazer brincando, instituiu-se em projetos educacionais que expressão uma ação intencional e sistemática. O aluno começa a conviver, a ganhar ou a perder, a esperar a sua vez e a evitar futuras frustrações em nosso dia a dia. Pinto e Tavares (2010), “fala que a educação deve ser voltada para tais perspectivas, pois o ser humano é um ser de múltiplas dimensões, com ritmos diferentes e o seu desenvolvimento é um processo contínuo”.

O lúdico socializa a construção do conhecimento de forma interessante e prazerosa, garantindo no ensino uma motivação intrínseca necessária para uma boa aprendizagem em sala de aula. De alguma forma indispensável no relacionamento entre os conceitos de desenvolvimento cognitivo, fundamentados em uma aprendizagem sólida e duradoura.

Para Barbosa (2010, p.39) diz que a “ludicidade está presente em diferentes contextos, na escola, em casa, em qualquer lugar em que as crianças possam estar. Para elas, o brincar é algo mais que natural”. O lúdico ajuda no desenvolvimento da criança, pois ela começa a aprender e a compreender os conteúdos com mais

facilidade. A utilização de jogos e brincadeiras, gincanas, teatros promovem também, um estímulo intelectual e social.

A prática da ludicidade no ensino provoca o aluno em todas as suas habilidades, é uma alternativa que traz grandes benefícios ao desenvolvimento do ser humano em formação. O lúdico proporciona ao aluno uma nova maneira de aprender e de se desenvolver. Quando se fala em brincar não é simplesmente brincar, existem regras, objetivos educacionais, situações que podem ser exploradas. (Brougère, 1998, p.193) ressalta que:

A atividade lúdica se caracteriza por uma articulação muito frouxa entre o fim e os meios. Isso não quer dizer que as crianças não tendam a um objetivo quando jogam e que não executem certos meios para atingi-lo, mas é frequente que modifiquem seus objetivos durante o percurso para se adaptar a novos meios ou vice-versa [...], portanto, o jogo não é somente um meio de exploração, mas também de invenção (Brougère, 1998, p.193).

Em outra perspectiva, quando se trata de motivação, é importante compreender que é papel do professor é orientar, direcionar e intervir nos motivos dos alunos, realizando a mediação didática (LIBANEO, 2009). Para isso, cabe a ele não só selecionar e organizar criteriosamente os temas a serem trabalhados, mas também expor aos alunos, com clareza, a relevância desses temas.

Certamente podemos entender que o sentido verdadeiro da educação lúdica no ambiente escolar só estará garantido se o professor estiver preparado para realizá-lo e tiver um profundo conhecimento sobre os fundamentos da mesma. Pinheiro; Santos; Ribeiro (2013) discute que para promover a interação do aluno com o espaço geográfico correlacionando teoria e realidade cotidiana, deve ser um dos objetivos do educando ao inserir atividades lúdicas no ensino da Geografia.

O educador deve oferecer formas didáticas diferenciadas, como atividades lúdicas para que a criança sinta o desejo de pensar. Isto significa que ela pode não apresentar predisposição para gostar de uma disciplina e por isso não se interessa por ela. Daí a necessidade de programar atividades lúdicas na escola.

Por sua vez, a prática educativa do lúdico oportuniza a aprendizagem ao indivíduo, em construção do saber, do conhecimento e da compreensão de atividades realizadas em seu convívio. Os diferentes meios de percepção do aluno em conteúdos meramente vivenciados em sala de aula, desperta a ele instigar a sua imaginação e sua percepção a sociabilidade de novos métodos de conhecimento.

Os processos de ensino e aprendizagem nesta perspectiva, traz para a Geografia, que a escola repense a realidade como ponto de partida, como já tem sugerido Cavalcanti (2005), Kimura (2008). De forma que solicite uma proposta didática e pedagógica que explique tal realidade, dando-lhe sentido e significado.

Para tanto, a prática pedagógica envolta no ensino de Geografia, exige que a relação professor e aluno seja de interação construtiva, de tal maneira que o professor instigue o aluno à construção do seu próprio conhecimento, ou seja, deixa o aluno descobrir o mundo em que vivemos. E ao mesmo tempo esteja presente para subsidiar seus conceitos estabelecidos no âmbito escolar.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para delinear os conteúdos no ensino de geografia, é necessária uma construção metodológica sobre determinados assuntos, com adequações precisas em fatores curriculares em sala de aula (SEVERINO, 2007). O modo de ensinar deve estar contido nas estratégias voltadas ao aprender, elaboradas como pesquisa nas organizações de atividades que explorem o conhecimento dos alunos em sala.

O ensino de Geografia, como as demais ciências, faz parte do currículo de ensino fundamental e médio. A averiguação da ciência ajuda a compreender o ambiente escolar a contextualizar, interpretar e pensar em cada aspecto sociocultural. Para tanto, o trabalho caracteriza-se como um relato de experiências vivenciadas em sala de aula na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Profº José Soares de Carvalho. Através de sequências elaboradas em análises de conteúdos em sala de aula, em uma inserção do lúdico por atividades que despertem o olhar dialético do aluno.

Para isso utilizou um modelo sistemático indutivo baseando-se em instrumentos no ensino aprendizagem. Através de um levantamento bibliográfico, pesquisa de campo, e uma abordagem teórica sobre a temática aprendida na sala de aula. Com aspectos da participação escolar no desenvolvimento do ensino de geografia, em práticas extracurriculares. Para tanto, promoveu um bingo em sala de aula, em perspectivada de estimular o cognitivo pedagógico na geografia.

Para a aplicação do bingo geográfico, foi atribuído a criação de cartelas com palavras chaves, com perguntas relacionadas ao conteúdo mencionado em sala de

aula. Atribuído a um trabalho individual, ocorrendo de modo equitativo, à maneira que o aluno desenvolva sem posicionamento cognitivo na atividade.

Empregando a atividade desenvolvida em uma reflexão da prática de ensino, a compreender o processo de aprendizagem, em termos qualitativos. Moreira (2002, p.17) diz que “em termos genéricos, a pesquisa qualitativa pode ser associada à coleta e análise de texto (falado e escrito), e à observação de comportamento”. No decorrer disso, com uma abordagem no estudo empírico, utilizara uma coleta de dados a partir das observações nas aulas de geografia no ensino médio, e aspectos vivenciados através da interação professor/aluno no âmbito escolar.

#### **4 UM BREVE HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO ONDE É REALIZADO O PIBID**

O local escolhido para a realização do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho – CEPES GBII, jurisdicionada a 2ª Gerência Regional de Educação do Estado da Paraíba, sediada na cidade de Guarabira/PB, localizada na rua Henrique Pacífico nº45, no Bairro Primavera.

A presente instituição pública escolar está sob à autorização do decreto Lei nº 4.587 de 14 de maio de 1984 e subordina-se a Secretaria do Estado da Educação – SEE/PB, com base na Constituição Federal (CF, 1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na Resolução nº 124/2000-CEE, regendo-se por este Regimento Interno, no qual, é afirmado que compete à escola regulamentar, junto a Secretaria da Educação.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, foi criada em 1962 pelo português Edgard Júlio Pessoa da Silva, o qual funcionou por um algum tempo no prédio da escola Técnica de Comércio, apenas com o curso ginasial. Foi construído um prédio pelo, então, Governador do Estado da Paraíba Pedro Moreira Godin, onde hoje funciona a Escola estadual de Ensino Fundamental Tarcísio de Miranda Burity.

Com o decorrer do tempo, a comunidade se expandiu, e conseqüentemente surgiu a necessidade de possuir uma estrutura física maior para que fosse possível atender a demanda populacional. Posteriormente adquiriu outro prédio, reinaugurando-o no dia 12 de dezembro de 1971 devido à expansão do colégio pelo grande número de alunos.

Na época de sua fundação, o corpo docente era composto por oito professores, no total de quinze membros integrantes no respectivo recinto escolar. Posteriormente a construção do prédio novo, passou a atender maiores quantidades de alunos, e conseqüentemente ampliou seu quadro de funcionários.

Partindo para a atualidade, a instituição atende as comunidades circunvizinhas urbanas e rurais, funcionando durante os três turnos, com suas dezenove salas de aulas distribuídas do 7º ano do ensino fundamental ao Ensino Médio completo, além do programa Educação de Jovens e Adultos.

O quadro discente é composto por 1.687 alunos matriculados na referida instituição escolar, distribuídos em 627 no Ensino Fundamental, 831 no Ensino Médio, e 229 alunos no EJA, nos três horários manhã, tarde e noite. O quadro de funcionários é composto por 75 professores, 43 de apoio e auxílio, além do corpo diretivo de 4 funcionários, totalizando 112. O conselho escolar é constituído por 12 pessoas, com representantes dos segmentos que compõem a instituição: professores, gestor (a), secretário escolar, três alunos, uma mãe ou pai de aluno, um membro de apoio, e duas pessoas que possam representar o segmento da comunidade escolar.

O desenvolvimento das aulas ocorre conforme o planejamento fundamentado na grade curricular da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho. A referida instituição abrange em sua concepção curricular a composição das ciências humanas e exatas, além das ciências biológicas e outras que fornecerão uma base estrutural na formação de cidadãos, de indivíduos pensantes, sujeitos emancipados capazes de transformar o ambiente em sua volta de modo responsável e consciente.

A escola aborda em sua composição curricular uma divisão organizacional de disciplinas de acordo com o nível do ensino básico, delimitando algumas para o ensino médio e outras para o ensino fundamental, tais como a divisão do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa, Matemática, Arte, Inglês, Ciências, Educação Física, Geografia, História e Formação para Vida. Para o Ensino Médio: a Língua Portuguesa, a Matemática, Língua estrangeira, preferencialmente o Inglês, Arte, Educação Física, Filosofia, Sociologia, Química, Biologia, História e Geografia.

#### 4.1 A estrutura física da escola

Partindo para o diagnóstico da caracterização da instituição educacional, averiguamos o ambiente escolar, sua dimensão, sua organização para que possamos ter uma ideia dos limites físicos. O ambiente pedagógico é aconchegante para o profissional, salas climatizadas, TV, computadores a disposição dos educadores, jogo de estofados macios, além de mesas. A estrutura da escola é composta por uma sala de direção, que monitora através de câmeras; uma secretaria, uma sala de professores, uma sala de estudos para planejamento e acompanhamento, uma sala de mecanografia e dezenove salas de aula.

Possui uma sala de vídeo, (que agora foi desativada para ser mais uma sala de aula) um laboratório de ciências, um laboratório de matemática, um laboratório de informática (segundo a gestão escolar, se encontra interditado por problemas na rede elétrica do bloco de aulas paralelo a este), um laboratório de robótica.

A presente instituição aparentemente possui uma estrutura ampla para atender as comunidades circunvizinhas, embora esteja enfrentando alguns desafios com relação ao tamanho de seu espaço físico, a demanda de alunos passa a ser maior que a quantidade de salas já existentes, tanto que a sala de vídeo fora transformada em uma sala de aula.

Além disso, há uma biblioteca uma para o grêmio estudantil, um espaço que nos deixa em dúvida quanto a sua definição, parece com um auditório e ao mesmo tempo se tornar o refeitório. Ainda contém em sua estrutura física um almoxarifado, uma dispensa para materiais de limpeza, uma cantina, dois banheiros para atender ambos os gêneros masculino e feminino, cada um com uma subdivisão em cinco, dois banheiros para os professores e um para a direção.

Além do ginásio poliesportivo, importante ambiente de interação para os estudantes, uma caixa d'água, três bebedouros e um pátio. A biblioteca escolar está localizada em área anexa ao antigo prédio, ficando entre o primeiro e o segundo plano da escola e próximo ao laboratório de informática e ao laboratório de ciências. Esta sala direcionada à leitura funciona durante os três turnos e oferece, no geral, a possibilidade de pesquisas para seu alunado. Fornecendo atendimento e apoio didático pedagógico aos professores, distribuição dos livros didáticos para os alunos.

## 5 INTERVENÇÃO DO PIBID NA INSERÇÃO DO LÚDICO NA SALA DE AULA

Durante muito tempo o ensino tem se enquadrado de maneira didática na sala de aula, na preocupação de repassar os conteúdos programados na grade escolar. Contudo percebe-se um despreparo relativo ao conhecimento das necessidades básicas, como na inserção do aluno as atividades corriqueiras no cotidiano (CAVALCANTI, 2005).

O envolvimento do docente no convívio do ambiente escolar, possibilita práticas educativas ao mundo de fatores objetivados, de forma simples e transformadora (PASSINE, 2010, p.30). Esta aproximação da origem ao lúdico torna-se perceptível aos conceitos reflexivos e fragmentados a atividades que venha mobilizar o aluno do ensino básico a utilizar sua criatividade em aspectos vivenciados dentro e fora da sala de aula.

Desta feita, o sistema escolar dever propor aos alunos de ensino fundamental e médio algo desafiador, um despertas a algo curioso e proporcional a resolução de problemas meramente encontrados na atuação do professor a transmissão do conteúdo.

É preciso que os saberes educacionais se tornem indispensáveis ao formando, que desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assume como um sujeito produção do saber, e que se convença definitivamente que ensina não é transferir conhecimento, mais criar as possibilidades para as produções ou a sua construção (FREIRE, 1996, p. 22).

Rego (2007) fala que o ensino traz consigo a tendência de estimular o crescimento a promoção do indivíduo nas partes teóricas e práticas. No ensino de geografia destacam-se os sistemas de informação e processamento de dados, os quais exigem níveis de conhecimentos mais desenvolvidos na prática da formação discente, no cotidiano escolar enquanto componente pedagógico e técnico.

O lúdico em situações educacionais proporciona um meio real de aprendizagem. Inovações ao ensino de geografia a procurar enquadrar nos aspectos práticos, que possam relacionar o conteúdo atividades na recapitulação do pensamento fatores importantes como a vivência em determinado ambientes, seja ele na área física ou humana.

O foco principal é comunicação entre o aluno e o meio, no intuito de formar conceitos satisfatórios através de jogos, gincanas, feiras artesanais e etc. A partir dai

é que o aluno começa e se habituar às regras existentes no quadro curricular da escola, e a se encontrar em atividades vivenciadas em sua comunidade.

Enquadrando a ludicidade como ferramenta que aproxime o aluno ao conteúdo desenvolvido em sala de aula, em articulação professor aluno. Esta interação (FREIRE 1996, p.23) relata que, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Neste pensamento o ensino não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção.

### 5.1 Atividades lúdicas desenvolvidas pelo PIBID

Mediante a falta de comprometimento de muitos alunos ao ensino aprendizagem na sala de aula, aos conteúdos disponibilizados pelo professor na transmissão de conhecimento muitas vezes são vistos como meras palavras ditas. Deste pressuposto o lúdico vem despertar a criticidade do docente na assimilação das atividades enquadradas na grade curricular.

Para isso, introduzimos atividades lúdicas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho, especificamente na turma do 2º ano “H”, foi necessária uma conjuntura de ideias a análises na melhor adequação do ensino de geografia em uma perspectiva construtiva.

O público alvo que foi a turma já citada acima traz em sua totalidade 50 alunos matriculados em uma frequência com média de 33 alunos. Subdivido em suas áreas residências, que são zona rural (25%), zona urbana (65 %), e de outras cidades (10%).

Após a evidenciação da turma, a metodologia educacional utilizada tornou-se como uma força necessária para estimular a vontade do aprender, em uma prática inovadora do ensino. Em uma percepção que o professor se apresente em variedades distintas, que podem ser vistas facilmente ao observar em estilos pedagógicos distintos no ensino.

No entanto, o processo de ensinar é muito mais que transmitir informação, é envolver-se com cada aluno, em experiências diferentes, conhecendo estilos e atitudes, ansiedades e confiança na hora da aprendizagem.

## 5.2 Bingo geográfico sobre o espaço industrial brasileiro

O bingo geográfico atua no despertar à curiosidade do aluno em sala de aula, estimulando o processo de ensino aprendizagem através de um jogo de perguntas e cartelas, usando-o como atrativo para a compreensão e aprendizagem.

### 5.2.1 Objetivos

Identificar elementos representativos das diferentes fases da industrialização brasileira, reconhecendo fatores e situações representativas das etapas do modelo industrial brasileiro. Onde proporcione situações lúdicas em sala que favoreça ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a construção do conhecimento. No desenvolvimento de ações e estratégias, que estimulem a imaginação a ação educativa do professor em sala de aula.

### 5.2.2 Conteúdo programado, turma envolvida

Introduziu o espaço industrial brasileiro e suas características gerais do processo de industrialização das sociedades a partir do modo de produção capitalista. Na atribuição de valores educacionais e os diferentes métodos de ensino na turma do 2º ano “H”, como uma averiguação de aprendizagem em sala de aula.

### 5.2.3 Material usado, tempo estimado

Utilizou-se o livro didático por meio de uma explicação participativa, trazendo características peculiares do processo de industrialização. Com um tempo estimado de 1 hora e 15 minutos (cerca de 2 aulas).

### 5.2.4 Revisão literária do conteúdo espaço industrial brasileiro

Assim como em todos os lugares, seguiu as características gerais do processo de industrialização das sociedades a partir do modo de produção capitalista. O processo de criação e instalação de indústrias em um território literalmente produz o espaço, transformando-o e conferindo a ele novas lógicas e novos significados. A

industrialização contribui, principalmente, para a intensa e rápida urbanização do território, bem como para as concentrações econômica, populacional e de infraestrutura.

No Brasil, o processo de industrialização iniciou-se enquanto política de Estado a partir da década de 1930, quando a dependência econômica nas exportações de matérias-primas, com destaque para o café, levou a economia do país a ruir diante da Crise de 1929. Tal proposição intensificou-se com o chamado Plano de Metas, na década de 1950, e acarretou para uma ampliação da produção industrial brasileira.

No entanto, essa concentração ocorreu, sobretudo, na região Sudeste do Brasil, com o predomínio da cidade de São Paulo, em função de sua posição geográfica estratégica e da herança econômica ofertada pela produção cafeeira, que conferiram a essa cidade uma ligação com o Oeste e com o Porto de Santos através das ferrovias.

Além disso, a partir da década de 1950, a indústria automobilística consolidou-se nessa região, o que foi fundamental para a concentração do parque industrial brasileiro na capital paulista e em sua região metropolitana. Tais processos provocaram uma rápida e precária urbanização, bem como a explosão de movimentos migratórios advindos das diferentes regiões do Brasil.

O resultado foi o grande surto populacional da região Sudeste. Em 1872, São Paulo contava com cerca de 32 mil habitantes e era a décima maior cidade brasileira; ao final do século XX, já se tornara a maior metrópole do país e a quarta maior do mundo, com mais de 20 milhões de habitantes, contando a cidade e sua região metropolitana, e 11 milhões, contando apenas a capital.

Na década de 1970, a produção industrial da capital paulista e de seu entorno representava quase a metade de toda a produção industrial nacional.

Todavia, a partir da década de 1980 em diante, houve esforços governamentais que se preocuparam em proporcionar uma desconcentração industrial do país, fato que só se efetivou claramente a partir da década de 1990.

#### 5.2.5 Desenvolvimento do bingó geográfico

**1º Momento:** Para o desenvolvimento do conteúdo em sala de aula foi utilizado de modo qualitativo uma revisão e discussão do espaço geográfico brasileiro. Procurando trazer uma melhor didática em explicações e discussões no intuito de despertar o

estímulo do aluno a aprender e socializar com seu meio em que vive, de maneira crítica e consciente.

No intuito de atribuir o conhecimento adquirido em sala de aula no primeiro momento, procurei administrar bem o tempo. A turma do 2ºH era passivamente comportada. Nisto, relacionei a prática docente na construção do saber, de modo que os alunos interagissem e participasse da aula.

No momento seguinte procurei falar sobre o assunto programado, que foi o espaço industrial brasileiro, trazendo dados bem relativos, e inter-relacionando as fases da industrialização em suas respectivas características.

Depois de evidenciar o assunto entre os alunos, consignou-se uma dinamizar a aprendizagem, à averiguação de participação em uma mesa redonda. Uma maneira de interagir o conteúdo já revisado e a participação dos alunos, criando assim a relação professor aluno em sala de aula.

Após discuti o assunto em sala de aula, pode-se observar o potencial de cada aluno, se expressando de várias formas, à maneira como entendeu. Isso traz aspectos muito importantes ao professor, pois repercute como uma atuação proveitosa e construtiva em sala de aula.

**2º Momento:** Após a aplicação do conteúdo discutidos e revisados entre os alunos em sala de aula, foi proposto um bingo geográfico como uma ferramenta avaliativa, onde aproximasse o conteúdo ministrado em sala de aula, em uma interação e participação com os alunos, criando assim a relação professor aluno em sala de aula.

A turma do 2H por ser uma turma com características bem peculiares com as demais turmas, ficou bem ansiosa para saber como aconteceria a inserção do lúdico em sala de aula, através de um bingo geográfico.

Na aplicação do bingo geográfico, teve como tempo estimado de 75 minutos, distribuídos em 2 aulas. Para a realização desta atividade, atribuiu-se a criação de cartelas com palavras chaves relacionadas ao assunto (FIGURA 1). Atribuindo a um trabalho individual, de forma qualitativa no aprendizado.

**FIGURA 1:** Atividade realizado pelo PIBID, cartela do bingo geográfico sobre o espaço industrial.

<b>Concentração de Poluentes</b>	<b>Regiões Metropolitanas</b>	<b>Nordeste</b>
<b>Siderúrgicas</b>		<b>Primeira fase</b>
<b>Vale do Paraíba Fluminense</b>	<b>Multinacionais</b>	<b>Industriais Nacionais</b>
<b>Isenção Fiscal</b>	<b>Rodovias</b>	<b>Concentração de Poluentes</b>

**FONTE:** Arquivo pessoal PIBID, 2015.

Cada palavra chave que foi introduzida na cartela tinha uma respectiva pergunta. As perguntas foram relacionadas e elaboradas ao conteúdo mencionado em sala de aula. As cartelas criadas foram introduzidas 11 palavras chaves, todas diferenciadas a modelo sistematizado estudado.

**3º Momento:** A partir do processo de criação das cartelas e suas respectivas perguntas. Cada pergunta foi dividida e selecionada em um saco plástico. O sorteio de cada pergunta foi efetivado de maneira aleatório pelo professor regente. A modo que fossem feitas as perguntas os alunos através do conhecia que tinha sobre o conteúdo, foram associando as perguntas as suas respostas (palavras chaves) e preenchendo.

Quando o aluno preencher toda a cartela, o avaliador devera corrigir, e se todas as respostas estiverem coerentes as perguntas que saíram o aluno ganhará. O aluno que conseguisse marcar todas as respostas corretas em sua cartela receberia uma caixa de chocolate como prêmio. Caso persista em se manter um empate entre os alunos, surgirão questionamentos elaborados pelos avaliadores para gerar o vencedor.

**4º Momento:** Após a aplicação do bingo, percebeu-se que o educador se destaca por ser aquele que deve conhecer pesquisar e atualiza-se sobre novas metodologias de

ensino, para assim refletir sobre sua prática e ação em sala de aula, trazendo melhoria na qualidade de ensino e garantindo melhor aprendizagem do aluno.

Pôde-se observar que o alunado mostrou interesse e dedicou sua atenção à construção da atividade, mantendo-se em sala de aula e participando integralmente da atividade objetivando a revisão teórica para avaliação de aprendizagem.

Enfim, é imprescindível destacar que o lúdico e outras ferramentas pedagógicas, possibilitam a aproximação do aluno com os conteúdos da Geografia. Sendo assim, convém afirmar que a utilização da ludicidade é fundamental para a obtenção de êxito no processo de ensino-aprendizagem.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na construção do saber da aprendizagem no ambiente escolar, que se atrela as novas mudanças espaciais, a Geografia se apresenta como uma Ciência ampla e móvel no estudo desses fatos. Em um manifesto metodológico na aplicação das práticas de ensino em sala de aula, na avaliação do objeto na participação em atividades extracurriculares.

A atuação do universitário em sua formação docente pelo PIBID na escola, mostra as dificuldades enfrentadas diariamente na escola no exercer da profissão, oferecendo a ele a possibilidade de conhecer a rotina do ambiente escolar

É importante utilizar métodos que não se prendam ao tradicional, a uma didática com aulas monótonas, mas, seja umas práxis socializadora, estreitando os laços entre a relação professor-conteúdo e aluno. A partir disso, fomente a construção do censo crítico-reflexivo tanto dos alunos quanto dos professores.

Ao inserir contribuições lúdicas na prática de ensino, podemos despertar o interesse do aluno pela aprendizagem, mediante a sensibilização, e com isso, envolvê-lo em um ambiente de ensino-aprendizagem prazeroso. Desse modo, pode-se perceber que o lúdico é um recurso indispensável e de fundamental importância para as aulas de Geografia.

Percebe-se que ao utilizá-lo na forma de recurso didático no processo de ensino-aprendizagem na Geografia, traz possibilidades de ampliar as chances de este processo ter mais sentido/significado e tornar-se motivador e estimulante. Por outro lado, o mediador deve configura-se neste modelo de ensino, assumindo uma postura crítica-reflexiva e avaliativa do nosso fazer-pensar a realidade, do cotidiano escolar.

O professor na atuação destes novos métodos e formas de trabalhar com os alunos, desenvolve o lado cognitivo e físico destes sujeitos em sala de aula, construído e manifestado em relações sociais e educacionais. É a partir daí, que o processo do ato de lecionar compreende como o papel social de formar a mentalidade dos sujeitos-alunos em suas diferentes modalidades de ensino.

Considerando assim, que o professor de Geografia deve sempre buscar outros métodos de aprendizagem que possam torna o ensino cada vez mais vindouro e prazeroso em sala de aula. Com instrumentos pedagógicos que possibilite correlacionar o saber científico com a realidade socioeconômica dos mesmos, de forma recíproca, agregue novos saberes e experiências intelectuais a partir da relação professor-aluno.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Geografia sociedade e cotidiano: espaço, brasileiro. Coleção Geografia Sociedade e Cotidiano. 3 Ed. São Paulo, 2013.

BARBOSA, Ana Paula Montelezi. Ludoteca: Um espaço lúdico. Londrina: 2010. P 39. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: geografia /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 156 p.

BROUGÈRE, Gilles. Jogo e educação. Tradução Patrícia Chittoni Ramos> Porto Alegre: Artes Médicas: 1998.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANI, A.C. [et al.] Geografia em Sala de aula: Práticas e reflexões. Porto Alegre: UFRGS:1999.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. Cad.CEDES, vol.25, nº. 66, Agosto:2005. p.185-207.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia e prática de ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.

CORTELAZZO, Iolanda Bueno de Camargo; Romanowski. Pesquisa e prática profissional: relação escola comunidade. Editora EBPEX. Curitiba, 2008, p. 114.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p 148.

KIMURA, Shoko. Geografia no Ensino Básico. Questões e propostas. São Paulo: Contexto, 2008. 217 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. LDB- Lei de diretrizes e bases da educação nacional. N° 9394, de 20 de dezembro de 1996. 31 p.. Disponível em: <portal.mec. gov/ arquivos/ pdf /ldb.pdf>. Acesso 14 de maio, 2016.

MOREIRA, Daniel Augusto. Método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Pioneira, 2002, 152 p.

NACIONAIS, Parâmetros curriculares. Terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. p.42

LIBÂNEO, José Carlos. Docência Universitária: formação do pensamento teórico científico e atuação nos motivos dos alunos. In: D'AVILA, Cristina. Ser professor na contemporaneidade: desafios, ludicidade e protagonismo. Curitiba: CRV, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. Editora Cortez, Coleção magistério, Série formação do Professor, São Paulo: 1994.

LANDIM NETO, Francisco Otávio; BARBOSA, Maria Edivani Silva. O ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na geografia escolar. Revista GEOSABERES, v. 1, n. 2. Dezembro, 2010.

PASSINI, Elza Yasuko. Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2010. 224 p.

PIMENTA, Selma Garrido. Saberes pedagógicos e atividades docentes. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PINHEIRO, I. A.; SANTOS. V. S.; RIBEIRO FILHO, F. G. Brincar de Geografia, o Lúdico no processo de ensino aprendizagem. Revista Equador (UFPI), Vol.2, N°2, dezembro:2013. p.25-41.

PINTO, Lemes Cibele; TAVARES, Helenice Maria. O lúdico na aprendizagem: Aprender e aprender. Revista da Católica, V. 2, n° 3, Uberlândia:2010. p.226-235.

REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, A.C.; KAERCHER, N.A., Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. Artmed. Porto Alegre, 2007. 148 p.

ROECH, S. M. A et.al. Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso.- 2Ed. – São Paulo: Atlas, 1999. p. 25 à 57.

SANTOS, Francisco Kennedy Silva dos. Limites e possibilidades da racionalidade pedagógica no ensino superior. Educ. Real. vol.38, n°3. Setembro 2013. p.915-929.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. Ed. 23. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Gilcileide Rodrigues da; MORAES, Jacqueline Rodrigues. A geografia em sala de aula: reflexão e ação no estágio supervisionado na educação básica. Revista HOMEM, ESPAÇO E TEMPO. Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, março de 2009.

## **APÊNDICE**

## **Apêndice 1:** Questionário do Bingo Geográfico sobre o espaço industrial do Brasil

- 1- Século que a atividade industrial não era tão significativa no Brasil: **sec. XIX;**
- 2- Produto que movimentava a economia no Brasil antes da industrialização: **Café;**
- 3- Estado do Sudeste em que a industrialização foi mais intensa: **São Paulo;**
- 4-Infra-estrutura de transporte utilizada pelas primeiras fabricas, porem pouco utilizadas atualmente: **Portos e Ferrovias;**
- 5- Essencial para a produção de riqueza: **Capital;**
- 6- Impulsionou a produção industrial no Brasil do século XX, devido à queda de produção industrial dos países envolvidos no conflito: **As guerras mundiais;**
- 7- Ocorreu no Brasil, cerca de 200 anos após a Revolução Industrial iniciada na Inglaterra no final do século XVIII: **Industrialização Tardia;**
- 8- Processo em que os produtos importados pelo Brasil começaram a ser fabricados internamente: **Substituição de importações;**
- 9- Fenômeno que ocorreu até a década de 90, e São Paulo era responsável pela maior produção Industrial do País: **Concentração Industrial;**
- 10- Atualmente a produção industrial do estado de São Paulo esta caindo em relação ao País, de nome a este acontecimento: **Desconcentração Industrial;**
- 11- Ano em que a participação da população Rural começou a mudar em relação a população urbana: **1940;**
- 12- Cidades com maior concentração de empresas industriais: **São Paulo e Rio de Janeiro;**
- 13- Principal movimento migratório interno no Brasil, que se deu do campo para cidade: **Êxodo Rural;**
- 14-Período da consolidação da industrialização Brasileira: **Entre 1880 e 1900;**
- 15- Região mais industrializada no Brasil: **Sudeste;**
- 16-Processo que as regiões metropolitanas realizam sobre as cidades ao seu redor: **Polarização;**
- 17- Local onde vai morar a maioria da população pobre das grandes cidades: **Favelas;**
- 18- É intensificado pelos poluentes liberados pelas indústrias e veículos: **Efeito Estufa;**
- 19- Onde fica localizado o polo petroquímico de Cubatão, que fica próximo ao po. de santos: **Baixada santista;**
- 20- Local com maior aglomerado de industrias: **Região metropolitana;**

- 21- Região por localização ao longo da rodovia Presidente Dutra ( BR – 116), que liga São Paulo ao Rio de Janeiro: **Vale do Paraíba Paulista**;
- 22- Abriga empresas, nacionais e estrangeiras, ligadas ao setor de alta tecnologia: **Região de Campinas**;
- 23- Transformam recursos naturais em bens de consumo: **Indústrias de base ou de bens de consumo**;
- 24- Processo que provocou grandes transformações no espaço geográfico mundial à mediada que submeteu a economia do campo à da cidade: **Revolução Industrial**;
- 25- Processo de transformação da matéria-prima em bens elaborados que podem ser destinados diretamente à população ou a outras indústrias: **Atividade industrial**;
- 26- A industrialização planejada ocorreu em países como: **ex-União Soviética, Polônia, China**;
- 27- Responsáveis pela produção de máquinas e de equipamentos necessários a outras indústrias: **Indústrias de bens intermediários**;
- 28- Produzem bens que são consumidos diretamente pela população: **Indústrias de bens de consumo**;
- 29- Investimento industrial por propriedade de alguém ou de um grupo de pessoas que não seja ao Estado: **Capital Privado**;
- 30- Investimento industrial quando o Estado é responsável pelas empresas: **Capitais Estatais**;
- 31- Modelo de produção enxuta, apoiadas na flexibilização da mão de obra e no controle da qualidade: **Toyotismo**;
- 32- Empresas do capitalismo contemporâneas, em que seu capital não pertence a uma nação em particular: **Transnacionais**.
- 33- Empresas que intensificam a exportação de seu capital em filias em outros países, onde essas filias são sujeitas a matriz de origem: **Multinacionais**;
- 34- Matéria prima essencial para a industrial de têxtil: **Algodão**;
- 35- Fase industrial marcada pela internacionalização da economia brasileira por meio da aliança entre o capital nacional e o estrangeiro: **Terceira Fase**;
- 36- Fase Industrial brasileira com o predomínio de bens de consumo não duráveis, composta de mão de obra estrangeira, além de capital estrangeiro: **Primeira fase**;
- 37- Fase considerada a Revolução Industrial brasileira: **Segunda Fase**;
- 38- Defende a liberdade absoluta de mercado e uma restrição à intervenção estatal sobre a economia: **Neoliberalismo**;

- 39- Primeiras empresas estatais a serem privatizadas: **Siderúrgicas**;
- 40- Consiste em uma política industrial, tecnológica e de comércio exterior: **Plano Brasil Maior**;
- 41- Região formada pelas cidades de Petrópolis, Nova Friburgo e Teresópolis: **Região Serrana**;
- 42- Região cujas cidades mais importantes são Volta Redonda e Resende: **Vale do Paraíba Fluminense**;
- 43- A SUDENE está vinculada a industrialização da região: **Nordeste**;
- 44- Faz com que as pessoas parem de frequentar os espaços públicos para o lazer: **A Violência**;
- 45- Área formada por um município central e outros que estão sob a sua influência: **Regiões Metropolitanas**;
- 46- Quando as indústrias são formadas principalmente por capital nacional: **Industriais Nacionais**;
- 47- Quando o capital dominante nas indústrias é estrangeiro: **Indústrias estrangeiras**;
- 48- Afeta a saúde das pessoas podendo causar doenças respiratórias, perda de memória, câncer, entre outras: **Concentração de Poluentes**;
- 49- Tornou uma necessidade para atender as demandas de entregas de mercadorias em locais específicos: **Rodovias**;
- 50- Vantagem que o Governo Estadual e municipal tem oferecido para atrair instalação de indústria: **Isenção Fiscal**.

**Apêndice 2: Cartelas referente ao Bingo Geográfico**

<b>Transnacionais</b>	<b>Terceira Fase</b>	<b>Capital Privado</b>
<b>Indústrias de bens de consumo</b>		<b>ex-União Soviética, Polônia, China</b>
<b>Atividade industrial</b>	<b>Região de Campinas</b>	<b>Indústrias de base ou de bens de consumo</b>
<b>Vale do Paraíba Paulista</b>	<b>Região metropolitana</b>	<b>Revolução Industrial</b>

<b>Indústrias de bens intermediários</b>	<b>Baixada santista</b>	<b>Efeito Estufa</b>
<b>Favelas</b>		<b>Polarização</b>
<b>Sudeste</b>	<b>Entre 1880 e 1900</b>	<b>Êxodo Rural</b>
<b>São Paulo e Rio de Janeiro</b>	<b>Desconcentração Industrial</b>	<b>Substituição de importações</b>

<b>1940</b>	<b>Concentração Industrial</b>	<b>Industrialização Tardia</b>
<b>Substituição de importações</b>		<b>As guerras mundiais</b>
<b>Capital</b>	<b>Portos e Ferrovias</b>	<b>São Paulo</b>
<b>Café</b>	<b>sec. XIX</b>	<b>Polarização</b>

<b>Polarização</b>	<b>Concentração Industrial</b>	<b>Substituição de importações</b>
<b>Desconcentração Industrial</b>		<b>Café</b>
<b>Efeito Estufa</b>	<b>1940</b>	<b>São Paulo e Rio de Janeiro</b>
<b>Favelas</b>	<b>Baixada santista</b>	<b>Capital Privado</b>